

# Mulheres em movimento: registrando memórias migrantes

*Tatiana Chang Waldman\**  
*Maria Angélica Beghini Morales\*\**

## Introdução

O Museu da Imigração possui uma importante Coleção de História Oral que foi iniciada ainda na década de 1990 e conta atualmente com mais de quatrocentas entrevistas.<sup>1</sup> Uma expressiva parte delas registra experiências de migrantes de diferentes nacionalidades que passaram pela antiga Hospedaria do Brás, que trabalharam nas fazendas de café do estado de São Paulo ou atuaram nas mais diversas cidades do mesmo estado.

Nos últimos anos, a equipe do Museu da Imigração vem desenvolvendo diferentes projetos com uma atenção especial às migrações contemporâneas. A proposta é realizar uma aproximação dos que hoje são protagonistas da experiência de migrar e assim construir um diálogo entre o passado e o presente. Ou seja, do que foi e o que é a migração na cidade e no estado de São Paulo.

Nesse sentido, novas entrevistas que se utilizam da metodologia da História Oral estão sendo realizadas, vinculadas a projetos com esse foco. Elas são gravadas individualmente, mediante autorização do termo de cessão de imagem e voz, em vídeo e áudio e seu conteúdo serve de base para pesquisas, exposições<sup>2</sup>, ações nas mídias sociais<sup>3</sup> etc. Cabe destacar que toda coleção de História Oral é disponibilizada ao público interessado e aos pesquisadores, que podem ter acesso ao seu conteúdo por meio do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência (CPPR) do Museu da Imigração, tanto na forma de transcrição da entrevista para documento escrito, quanto por meio do vídeo editado<sup>4</sup>.

Atualmente, são dois os projetos de História Oral do Museu da Imigração em andamento. O primeiro deles, iniciado no segundo semestre de 2014, é intitulado “Conselheiros Extraordinários Imigrantes nos Conselhos Participativos Municipais” e trata da participação política inédita em âmbito municipal, a partir do ano de 2014, de migrantes residentes na cidade de São Paulo no exercício do controle social nas subprefeituras e no debate de ações e políticas públicas

---

\* *Doutora em Direito (área de concentração: Direitos Humanos) pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.*

\*\* *Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.*

no município em que residem. Até o momento foram entrevistados treze conselheiros de diferentes origens, como Argentina, Alemanha, Bolívia, China, Estados Unidos, Mali, Peru e Senegal.

O segundo projeto, “Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo”, teve início em julho de 2015 e será a base do presente artigo, que propõe a sua apresentação e busca suscitar reflexões sobre o processo migratório e a experiência da mobilidade a partir das perspectivas feminina e de gênero.

Esse projeto foi pensado com o objetivo de suprir algumas lacunas do acervo do Museu da Imigração acerca da representatividade de diversos grupos populacionais – no caso, as mulheres migrantes que atuam na cena social e política contemporânea em São Paulo. Ele foi elaborado a partir da observação de uma crescente mobilização e conquista de espaços na capital paulistana, especialmente nos últimos anos, por parte das mulheres migrantes.

Para o desenvolvimento e aplicação do projeto, foi realizada uma pesquisa documental prévia, bem como a elaboração de um roteiro de perguntas para o momento do encontro.<sup>5</sup> As mulheres entrevistadas faziam parte da rede de contatos do Museu da Imigração por já participarem de atividades desenvolvidas pela instituição ou por realizarem ações de conhecimento do Museu e foram selecionadas a partir do interesse em participar do projeto. Ao longo das entrevistas, as entrevistadas são convidadas a indicar outras mulheres que poderiam se interessar pelo projeto, de maneira a ampliar essa rede de contatos e de potenciais participantes.

Neste artigo, versaremos em um primeiro momento sobre esse projeto de História Oral específico que o Museu de Imigração vem desenvolvendo junto às mulheres migrantes, para em seguida abordar algumas questões mais teóricas acerca de temas tangentes ao nosso objeto.

### **Sobre o Projeto de História Oral *Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo***

No início do século XXI, as questões da chegada e permanência de migrantes no Brasil – especialmente da América do Sul, da África e do Caribe – se mostram cada vez mais presentes na agenda de debates do país. Os grandes meios de comunicação dão especial atenção à precarização das condições de trabalho experimentadas por muitos migrantes na construção civil, nos frigoríficos e na indústria têxtil, à questão da documentação e do aumento no número de solicitantes de refúgio no país, assim como aos problemas no acesso a direitos fundamentais, como à moradia, em razão da falta de políticas públicas direcionadas a essa população.

Mas para além desse cenário apresentado pelos meios de comunicação, é possível observar uma crescente mobilização da sociedade civil e uma tentativa de ampliar o diálogo com o poder público acerca da mobilidade humana. E,

especialmente nos últimos anos, a atuação de mulheres migrantes tem ganhado destaque. Iniciativas que propõem novas atuações e discussões com relação à questão migratória sob o olhar particular da migrante ou refugiada, de coletivos de mulheres ou projetos liderados por mulheres estão mais presentes e ativos na cidade de São Paulo, o que marca sua participação e a conquista de espaço no cenário das migrações.

A 8ª Marcha dos Imigrantes, realizada na cidade de São Paulo no dia 7 de dezembro de 2014, pode ser vista como um marco de visibilidade sobre o tema. Com uma bandeira de luta central: “Basta de violência contra as/os imigrantes!”, a Marcha contou, pela primeira vez, com a Frente de Mulheres Imigrantes, um coletivo de mulheres migrantes e brasileiras que reivindica maior equidade de gênero no contexto migratório.

A Frente realizou reuniões preparatórias aos domingos na Praça Kantuta, localizada no bairro do Pari, ao longo de todo o mês de novembro de 2014. Participaram dessa mobilização, especialmente, a Equipe de Base Warmis – Convergência de Culturas; o Projeto Sí, Yo Puedo; o Coletivo Educar para o Mundo e a Rede de Apoio ao Migrante – Guarulhos, além de mulheres autônomas, não vinculadas a coletivos.

Além das bandeiras já levantadas por diferentes coletivos de migrantes, como a necessidade de uma nova Lei de Migrações no Brasil que tenha como base os direitos humanos, o combate à xenofobia, o direito ao voto de migrantes no país de destino, o acesso à educação e à saúde sem qualquer discriminação, o trabalho decente etc; a Frente explicitou questões específicas que envolvem a saúde da mulher migrante, como o fim da violência no parto e o respeito às diferenças culturais, o tratamento de saúde digno, universal e humanizado; questões que envolvem a violência doméstica e contra a mulher migrante, como a necessidade do atendimento bilíngue e humanizado nas delegacias para mulher e questões que envolvem o trabalho das migrantes, como a divisão igualitária do trabalho doméstico, a necessidade de vagas em creches para todos, o fim do assédio moral e sexual no trabalho e a igualdade de salários nos postos de trabalho.

Poucos meses depois, no dia 8 de março de 2015, um bloco de mulheres imigrantes marchou junto a diferentes grupos de mulheres pela cidade de São Paulo, denunciando a xenofobia, a violência institucional, doméstica, obstétrica e reafirmando os valores culturais que as migrantes carregam e que devem ser valorizados. Foram realizadas reuniões prévias no CIC Imigrante, no Museu da Imigração e na Praça Kantuta. Ainda em 2015, a Frente de Mulheres Imigrantes participou da 9ª Marcha dos Imigrantes realizada na cidade de São Paulo.

Em 2016, a Frente se manifestou novamente no dia 8 de março. Ao longo desse ano, novos coletivos e mulheres passaram a integrar a Frente e novas reuniões foram realizadas para fortalecer sua atuação e melhor definir suas frentes de ações.

Sob essa conjuntura, o Museu da Imigração, atento à importância de registrar e compreender esse momento de crescente mobilização de mulheres vivenciado no campo da migração em São Paulo, ciente de seu papel de documentar tais experiências, propôs o projeto de História Oral “Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo”.

O projeto teve início no segundo semestre de 2015 e tem como proposta central refletir sobre esse momento particular experimentado no campo migratório e produzir registros sobre as migrações contemporâneas, especialmente sobre as conquistas de espaços por parte das mulheres migrantes, bem como suas demandas, suas estratégias de mobilização e a existência de projetos liderados por mulheres.

Já foram realizadas entrevistas com oito mulheres migrantes, todas residentes na cidade de São Paulo, de diferentes idades, origens (até o momento entrevistamos mulheres de países da América do Sul, como Bolívia, Chile e Peru), e com trabalhos e projetos em distintas áreas de atuação.

Ao longo das entrevistas são abordadas questões da trajetória de vida desde o país de origem até o momento da migração, como lembranças da infância, a experiência escolar, a vivência junto à família, os motivos que levaram a migração e a escolha do Brasil como país de destino e a experiência do deslocamento. As primeiras impressões do destino também são levadas em conta, bem como estranhamentos (como a língua, alimentação, clima, costumes etc.), contatos com o país de origem e viagens de retorno, atuação profissional (no país de origem/residência anterior e no Brasil), atividades cotidianas e de lazer e os laços sociais no Brasil. Por fim, são explorados os temas da aproximação com outras migrantes, associações e coletivos que trabalham com migrações, a experiência de ser mulher migrante no Brasil, suas demandas específicas e indicações de outros projetos liderados por mulheres migrantes ou refugiadas.

Um tema que é mencionado de forma expressiva nas entrevistas é a questão da saúde da mulher migrante. Andrea Veronica Carabantes Soto, por exemplo, ressaltou a questão da gestação, afirmando que muitas mulheres têm problemas durante o parto, especialmente por diferenças de costumes no momento de ter o bebê. Mas, para além do campo cultural, ela observa a ocorrência da violência tanto obstétrica quanto no atendimento público em geral de mulheres migrantes.

Andrea Soto, participante da Frente de Mulheres Imigrantes, sentia a ausência do tema da mulher nos coletivos e organizações de migrantes até pouco tempo atrás, mas nota que a questão tem aparecido de forma cada vez mais frequente e que mais mulheres, migrantes e brasileiras, têm se preocupado em debater e atuar nesse campo. Ela procura estar presente em diferentes espaços, conferências e grupos de trabalho na cidade para enfatizar a importância da representatividade da mulher migrante. Andrea Soto resume em poucas palavras “Se, por exemplo, a gente começar a falar ao invés de ‘as brasileiras’, ‘as mulheres no Brasil’, já inclui”. Ela é integrante de um coletivo de mulheres chamado “Equipe de Base Warmis – Convergência de Culturas”, que é parte do

movimento humanista e trabalha, por meio da metodologia da não violência e da não discriminação, com o tema de gênero e das migrações no Brasil.

Outra integrante da “Equipe de Base Warmis – Convergência de Culturas” e da Frente de Mulheres Imigrantes, Jobana Moya Rodrigues, também foi entrevistada pelo projeto. Da mesma forma que a Andrea Soto, Jobana Moya sentia que o tema da mulher migrante no Brasil era, em suas palavras, “quase invisível”. Depois de tornar-se mãe aqui no Brasil, passou a refletir sobre a maternidade e sentiu a necessidade de atuar:

Então, pensei “por que não fazer algo com mulheres imigrantes?” e visibilizar um pouco essa parte da maternidade, da discriminação porque, claro, as mulheres desde o rol de mãe, trabalhadora, poucas vezes você encontra espaços onde possa ir com seus filhos e ter uma participação política. Nós sempre estamos acompanhando os esposos pero sem ter nenhum protagonismo aunque façamos tanto quanto eles.

[...]

Mas depois de ser mãe, pude perceber de outra maneira as mulheres imigrantes e compreender, claro, porque sua participação não era, assim, expressiva dentro do movimento de imigrantes. Acho que é importante esse momento, assim, de ponerme no lugar delas, de sentir na situação delas, de ver e ter as mesmas dificuldades, ter um filho. Nadie levava o filho na reunião, mas eu comecei a levar porque era como: ninguém vai negar a minha participação porque é um espaço político e eu posso ir com minha filha. Acho que a partir daí foi muito forte para mim, sentir uma mulher imigrante e sentir que, sim, isso sou e a partir daqui posso avançar e mostrar outras coisas.

A “Equipe de Base Warmis – Convergência de Culturas” tem um projeto para a construção de uma casa de parto. Nas palavras de Jobana Moya “uma casa-escola, escola de parto para mulheres imigrantes, mas que resgataria o melhor das culturas como um aporte para a cidade, para o Brasil nas práticas de obstetrícia, de nascimento”. Ela faz questão de apontar o direito ao voto como uma das mais importantes bandeiras de luta para se alcançar direitos no país de destino.

Patrícia Ruth Prudêncio Torrez,<sup>6</sup> mais uma entrevistada para o projeto, também integrante da Frente de Mulheres Imigrantes, conheceu Jobana Moya em meio a uma manifestação de mulheres em junho de 2013. Jobana Moya chamou sua atenção por carregar uma bandeira Whipala.<sup>7</sup> Nessa ocasião elas conversaram e passaram a fazer ações em conjunto com foco no tema das mulheres migrantes. Patrícia Torrez enfatiza a importância de se abordar a questão da migração feminina:

Aí você perguntou das demandas das mulheres imigrantes, são várias! E aí, as demandas das minas são que, primeiro, [...] o imaginário do imigrante ainda – por isso que a gente queria, por isso que tem o bloco das mulheres [...] – porque o imaginário da imigração é sempre o cara, está ligado? Tipo, as pessoas imaginam, têm esse imaginário do masculino, não é? Que em algumas épocas era a maioria mesmo. Hoje em dia, eu acho que chega até quase meio que equivalente, tipo, tanto mulheres quanto homens migram. Aqui na América Latina, mais mulheres migram do que homens [...] Então, aqueles problemas de documentos, aquelas coisas de legalidade, você acha que quando, tipo, existe a violência da polícia, ela só existe no corpo dos imigrantes homens. E não é verdade. As mulheres igualmente ou pior, está ligado?

Sobre a mencionada questão da documentação, ela observa:

A documentação é o que te pega, sabe? Porque você não tem nada assim, tipo, os aluguéis são mais caros, alguns serviços públicos, tipo, a gente já sabe que as meninas não conseguem fazer um pré-natal se elas não têm um comprovante de residência.

[...]

Tanto que você vê as minas sofrendo assédio, violência doméstica, estupro dentro das oficinas de costura, ficando doentes, sabe? Elas sabem que se elas denunciam a casa vai cair para todo mundo, pode acontecer deportação, essas coisas assim. Embora, às vezes, hoje em dia, a gente sabe que legalmente não é bem assim, não é? [...] Se você tem um trabalho precarizado, que você mora onde você trabalha, o quê que acontece se uma mina sofre um assédio? Um estupro lá? Ou se sua filha sofre um assédio ou um estupro lá? A quem que você vai recorrer? Você vai lá para a delegacia da mulher, que as mulheres são super mal atendidas, ou não? As minas não vão, entendeu?

Para Patrícia Torrez, quando o tema é discriminação e xenofobia, a mobilização dos migrantes tem que ser direcionada especialmente às ações do Estado:

A sociedade brasileira – a gente discute – é xenofóbica. Mas não só a sociedade brasileira. Acho que a sociedade, a sociedade civil, a gente consegue conscientizar. O que a gente não consegue conscientizar é o Estado. O Estado são fronteiras, o Estado são leis, o Estado são restrições, os imigrantes vêm mesmo para ser mão de obra de trabalho subalterno. [...] Então, essas restrições estatais, para mim,

são as que a gente luta nos movimentos de imigrantes, sabe? [...] Existem os papéis, a burocracia que vai retratar assim a xenofobia que existe no Estado.

Retomando o tema da saúde, Verônica Quispe Yujra<sup>8</sup>, também entrevistada para o projeto e integrante da Frente de Mulheres Imigrantes, passou a observar as desigualdades enfrentadas por mulheres migrantes à medida que foi se aproximando do movimento de migrantes e do movimento de luta pela saúde:

Existem coisas que não foram preparadas para atender mulheres, por exemplo, e que a vontade, às vezes, da gente, de nós mulheres, não é respeitada. Junto com isso, o movimento de imigração me trouxe muito forte a questão da violência. Então, esse tipo de coisa, e aí eu vi muito nos meus atendimentos, trabalhando na saúde pública e acompanhando algumas famílias, essa questão da presença da violência doméstica. E de como, se uma mulher que já é brasileira fica vulnerável a essa violência, e apesar de todo o conhecimento da liberdade e da autonomia que ela tem aqui, às vezes, não procura ajuda, comecei a perceber de como a mulher imigrante fica vinte vezes mais vulnerável. Porque além dela não ter autonomia, ela não ter liberdade de procurar ajuda, ela tem toda a dificuldade de se achar totalmente dependente do homem dentro da casa. Porque é o homem que tem outros contatos no trabalho, é o homem que faz toda a organização das contas, é o homem que representa aquela família no país. Então, é o homem que precisa assinar o documento dos filhos. Então, aí eu comecei a perceber de como, realmente, apesar de velado – naquela época para mim estava velado –, como é difícil ser mulher imigrante em outro país.

Ainda sobre a questão da saúde da mulher migrante, Verônica Yujra menciona a questão do exame Papanicolau e do parto, esse último já abordado por outras entrevistadas:

A questão da saúde da mulher também. Aqui no Brasil, em São Paulo pelo menos, o nosso cuidado, a nossa linha de cuidado em saúde está muito voltada à mulher gestante. Ou ela está gestante ou ela está levando o filho para puericultura, que são os primeiros anos. Mas voltado para mulher em si, só o Papanicolau, que eu acho que é uma das coisas que menos as mulheres bolivianas fazem. Então, assim, se percebeu que tem uma dificuldade da mulher imigrante – eu estou falando da boliviana porque é a comunidade que eu trabalhei, mas da mulher imigrante em si – tem uma dificuldade de adesão ao Papanicolau.

[...]

Mas, acho que tem essa demanda de saúde, e aí a questão do parto, não é? Que depois acabei me aproximando do movimento das Warmis [a mencionada Equipe de Base Warmis – Convergência de Culturas] que eu consegui entender quão violenta está essa questão do parto. É porque realmente as mulheres não falam. Eu atendi muitas, porém elas não... nunca ninguém chegou a falar para mim desse momento. Até o momento que eu fui com a Jobana [Moya] e perguntei como é que tinha sido o parto. E daí tem esse relato de choro, ela não queria cesária, da questão do sofrimento, de que não... que ela devia ter feito na Bolívia o parto porque lá não ia ser assim, porque aqui ela sofreu demais, a questão da dificuldade, por exemplo, do companheiro entrar quando não tem documento para apresentar na porta, isso é ridículo, gente! No momento do parto, às vezes, na hora da pressa você foi sem nada, não é? Então o companheiro tem que entrar, tem que entrar. Não só por ter a fragilidade de ser imigrante, acho que toda mulher tem esse direito. Mas, também por ser, porque acho que a situação ficou mais difícil.

Para ela, as demandas das mulheres migrantes passam pelas que são comuns a todos os migrantes, como a facilitação da regularização e o acesso ao aprendizado do idioma do país de destino, e por questões que acabam recaindo sob os seus cuidados, ainda que a responsabilidade devesse ser compartilhada com o companheiro – como a questão do acesso à educação no caso dos filhos. Ela observa a falta de informações como um obstáculo ao acesso a direitos:

Mas de que maneira que essa mulher migrante tem que se virar? Ela também não conhece o sistema escolar, ela não sabe onde procurar. Acho que isso é uma demanda de ter espaços que consigam apoiar elas nesse sentido. Por causa do projeto [Projeto Si Yo Puedo], penso muito na questão da demanda da alfabetização e educação das mulheres porque eu percebi, realmente, que tem um grande número de mulheres adultas que não leem nem escrevem. Acho que são as principais.

Sonia Maribel Sarmiento<sup>9</sup>, mais uma entrevistada pelo projeto, relatou, por sua vez, as dificuldades de aceitação do processo de migrar sozinha decorrentes do fato de ser mulher:

Olha, é, minha história é bem longa. Que quando, quando estava vindo para cá meu irmão mais velho... ele ficou magoado com a notícia, ele não queria que eu viesse pelo

fato de eu ser mulher, entendeu? Ele falou não, como se acha que você vai viajar sem conhecer, sem falar a língua, sozinha e ainda mulher, né? Ele entende desse jeito assim. Não, você é mulher não pode. Entendeu? Mas na hora eu conversei com ele e falei: vou conseguir. Mas ele não aceitou, não aceita, não é? Não aceitou. E ele falou para mim assim: vai, se você quiser vai, testa, prova, vê como que é, mas eu quero te ver aqui em seis meses. Foi a última palavra que ele me falou. Aí eu vim, esses seis meses se converteram em mais de seis anos [risos]. Mas assim, foi passando seis meses, meu irmão sempre ficava me ligando: “e aí, como você está? Você está bem?”, “Não, você é mulher, você tem que se cuidar”, é a primeira coisa que ele fala.

[...]

Mas na hora eu fiquei forte, eu falei, não, vou ficar aqui, vou trabalhar, vou estudar, vou pagar minhas contas, vou fazer tudo, por conseguir meus objetivos, não é? E o pensamento do meu irmão já mudou, porque ele viu que eu consegui muitas coisas e ele fica muito, muito surpreso. Ele me fala hoje, a ligação já não é a mesma que daqui há cinco anos atrás, já é diferente, não é? Ele me fala de outro jeito: “Como você está? Continua, você é forte, você é o exemplo da família”, a conversa já mudou.

Assim, podemos considerar que muitos dos problemas enfrentados por mulheres, que atualmente refletem a questão de gênero em nossa sociedade – como as dificuldades decorrentes simplesmente do fato de ser mulher, o pouco incentivo e o constante desencorajamento, a parca representatividade social e política, além das questões específicas relacionadas à saúde feminina e à maternidade – estão também na pauta dos debates das mulheres migrantes. Nesses casos, por sua vez, somam-se à essas dificuldades, comuns ao gênero feminino, toda uma seara de questões relacionadas ao seu deslocamento e os obstáculos e entraves da experiência de migrar.

Assim, o Museu da Imigração vê no projeto *Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo* uma importante ferramenta de divulgação e apoio aos projetos dessas mulheres, que buscam seu espaço e empoderamento por meio da migração e da mobilização política. A utilização da metodologia da História Oral, por sua vez, foi facilitadora desse processo, ao passo que permitiu conhecer nuances dessas histórias, as quais muitas vezes não temos acesso em outras formas de registro e divulgação de práticas políticas e culturais. Levando isso em consideração, traçaremos a seguir algumas breves considerações teóricas sobre esse suporte e sua inserção e trajetória nas Ciências Humanas.

## Novos olhares e novas perspectivas nas Ciências Humanas

A utilização da História Oral para a pesquisa nas áreas das Ciências Humanas é uma grande conquista, ainda que mereça ser mais desenvolvida e difundida no cenário acadêmico brasileiro.

Da perspectiva da disciplina histórica, sua consolidação como fonte documental pode ser entendida por meio de toda uma trajetória científica cujas raízes nos levam ao desenvolvimento da chamada Escola dos Annales, vertente historiográfica francesa que surgiu com a publicação de um periódico denominado *Annales d'Histoire Économique et Sociale* em 1929 - ano de crises econômicas e entre guerras. Nesse contexto, um grupo de estudiosos se propôs a refletir sobre outros aspectos dos acontecimentos históricos que não aqueles puramente políticos ou centrado em grandes eventos e grandes personalidades. O interesse nas diversas camadas e estruturas da sociedade, bem como na relação com a economia, antropologia, sociologia e outras disciplinas são aspectos fundamentais que guiam até hoje os historiadores das mais diversas áreas de conhecimento (BURKE, 1997).

Uma das novas perspectivas lançadas por essa escola foi justamente à atenção a outras fontes a serem consideradas bases para a pesquisa histórica, que não somente a tradição escrita. Assim, podemos considerar que a História Oral, ainda que desenvolvida posteriormente, é herdeira direta dessa abertura de campo.

Outra corrente de pensamento histórico que consideramos um importante pano de fundo para as pesquisas baseadas na História Oral é a micro-história. Essa tendência, também herdeira da Escola dos Annales, trabalha em uma escala de observação reduzida, buscando partir do particular para compreender o todo. Realizando-se por meio de um trabalho exaustivo com as fontes, envolve etnografia, narrativa histórica, psicologia etc., contemplando o cotidiano e a mentalidade de comunidades específicas e, no geral, personalidades anônimas antes desprezadas pela historiografia tradicional (GINZBURG, 1989).

Já em uma perspectiva museológica, Ulpiano Bezerra de Meneses (1997) afirma que a ação de rememorar se relaciona com o universo tanto das palavras quanto das coisas; assim, a cultura material pode ser uma aliada na busca por marcas específicas da memória. Mas cabe observar que a intersecção entre História Oral e museus não passa somente pela questão dos objetos e artefatos como fontes da memória. As memórias pessoais trazem uma riqueza de detalhes e minúcias raramente encontradas em outras fontes. É uma descrição densa de acontecimentos, lembranças, fotos históricas, sentimentos e ações que nos permite uma compreensão ampla dos processos, tanto coletivos quando individuais. No caso dos museus, o interesse nesses relatos é genuíno por permitir preencher lacunas deixadas pelas coleções e as pesquisas em torno delas.

A realização de entrevistas com pessoas comuns é, assim, muito relevante para um estudo da história da vida privada, do cotidiano e das mentalidades no

âmbito do museu (Cf. ARIÈS, 1990; VAINFAS, 1996; VAINFAS, 1997). A atualização da agenda de pesquisa dos museus com a inserção desses campos de estudo permite uma visão muito mais completa dos processos históricos. A história dos vencidos, por sua vez, foi uma vertente de estudos bastante em voga nas últimas décadas no século XX que também abriu as portas para o estudo de personagens anônimos, minorias e grupos marginalizados (Cf. MELLO e SOUZA, 1982), como, por exemplo, as mulheres.

Esses inúmeros caminhos nos levaram também a uma perspectiva de gênero, fundamental na elaboração do projeto “Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo”. A construção de gênero e a construção da identidade (tanto coletiva quanto individual) da mulher foram levadas em conta nesse projeto e seu desenvolvimento, bem como a produção e reprodução de papéis sociais e o empoderamento por meio da experiência da migração e da mobilização política.

No caso específico do Museu, essas questões tornam-se ainda mais pertinentes ao passo que se relacionam com a responsabilidade do museu como transformador social (MENESES, 1993). Colocar a população e as comunidades que dialogam diretamente com ele – nesse caso, as e os migrantes – em contato com sua história e seus processos o faz consciente de sua própria identidade e de seu papel enquanto instituição cultural. Nessa direção, Ulpiano Bezerra de Meneses (1993, p.213) afirma: “julgo que seria obrigação primordial dos museus, não fornecer o ‘típico’ para consumo, mas condição para que se possa entender como numa sociedade se constrói essa tipicidade, como se formulam os diversos lugares sociais”.

Assim, a História Oral, somada a uma perspectiva de estudo do ponto de vista das mulheres, fornece ao Museu subsídios para atender as demandas do presente – função fundamental dessa instituição –, relacionando-o com seu patrimônio, material e imaterial. Criam-se, dessa forma, condições para o entendimento das identidades de uma maneira ampla e rica, suas articulações e enfrentamento, mudanças, continuidades e formas de expressão, sem reforçar estereótipos ou funcionar como um mero refúgio simbólico de determinada cultura.

## **Considerações finais**

Apresentamos neste artigo uma amostra do projeto “Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo”, ainda em desenvolvimento e que busca o registro e conhecimento de experiências de mulheres que protagonizam um movimento cada vez mais forte no Brasil.

O objetivo do presente trabalho foi apresentar as questões em torno do tema das mulheres migrantes por meio das reflexões geradas pelo projeto de História Oral ora abordado, suas experiências relacionadas à mobilidade humana na contemporaneidade, seu envolvimento político e as diversas

formas de manifestação e transformação de suas culturas e identidades a partir da experiência migratória, entendida aqui como um processo dinâmico, em constante andamento e que necessita reflexões cotidianas e atualizações recorrentes.

Por fim, cabe um especial agradecimento a todas as mulheres participantes do projeto que, com grande receptividade à iniciativa, se dispuseram a compartilhar e registrar suas experiências.

## Notas

<sup>1</sup> As entrevistas estão disponíveis nos seguintes suportes: VHS, DVD, Fita cassete (k7), fitas U-Matic e digital ISO e MP4 (formato audiovisual) e depoimentos transcritos (em formato digital e bibliográfico).

<sup>2</sup> Como exemplo, podemos destacar que o Museu da Imigração, em a parceria e no espaço do Museu da Diversidade Sexual, realizou uma pequena exposição - "Mulheres imigrantes em São Paulo: histórias e movimentos" - apresentando uma pequena amostra do seu Projeto de História Oral "Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo" na Semana dos Direitos Humanos de iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, em dezembro 2015.

<sup>3</sup> Outro exemplo foi uma ação no dia 8 de março de 2016, Dia Internacional da Mulher, envolvendo a publicação de textos e vídeos no Blog do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência (CPPR) (cf. <<http://museudaimigracao.org.br/oito-de-marco-mais-um-dia-de-luta-sobre-mulheres-e-migracoes-em-sao-paulo/>>) e no Facebook do Museu da Imigração utilizando como base o conteúdo desse mesmo projeto de História Oral.

<sup>4</sup> A edição do vídeo é realizada em seu caráter mais simples, para melhorar a qualidade da imagem, cortar eventuais intervalos, inserir nome do entrevistado e do projeto etc. Não realizamos qualquer edição de conteúdo, a não ser mediante solicitação expressa do entrevistado.

<sup>5</sup> Seguimos, entre outras, a metodologia proposta por MEIHY, 2005 e MEIHY, HOLANDA, 2009. Lembramos ainda que História Oral é uma manifestação subjetiva em que é gerada uma narrativa criada a partir de experiências pessoais. Assim, o entrevistado deverá ter liberdade para escolher o que contar sobre sua experiência de vida de acordo com sua necessidade e condições.

<sup>6</sup> Patrícia faz parte do projeto Mujeres Tejiendo e do projeto da criação de uma biblioteca comunitária na praça Kantuta.

<sup>7</sup> Nas palavras de Patrícia Torrez "A Whipala é aquela bandeira colorida, parece um arco-íris um pouco assimilado com as cores do LGBT, assim, vários quadradinhos. Na Geografia eu aprendi que você junta quatro Whipalas fica um mapa, um mapa de agricultura, é um mito também, né? É cada cor, ou as derivações de cores, ou elas significam o que a galera fala das entidades, mas assim, hoje em dia, o que ela significa são os povos andinos. Então, são os povos todos que frequentaram mesmo, né? Tem desde os Guaranis, os Quéchuas, Aymarás. Aí os Quéchuas e Aymarás de todos os lugares, né? O Quéchuas do Equador é totalmente diferente do Quéchuas da Bolívia, né?".

<sup>8</sup> Ela tem mestrado e doutorado (em andamento) na área da saúde. Fundou o Projeto “Si, Yo Puedo” com o intuito de democratizar informações diversas aos migrantes, como o acesso ao ensino público no Brasil.

<sup>9</sup> Ela migrou sozinha para São Paulo aos 23 anos de idade. É formada em Turismo e Hotelaria, mas está enfrentando dificuldades para revalidar o seu diploma. Mesmo assim, trabalha na cidade com turismo e hotelaria e, na época da entrevista, em agosto de 2015, era voluntária do Projeto “Si, Yo Puedo”.

## Referências

ARIÈS, Philippe. “A história das mentalidades”. In: LE GOFF, Jacques (org.) *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.153- 176.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como pensar e como fazer*. São Paulo: Contexto, 2009.

MELLO e SOUZA, Laura de. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. *Os desclassificados do ouro*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MENESES, Ulpiano Bezerra. “A problemática da identidade cultural nos museus. De objetivo (de ação) à objeto (de conhecimento)”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova série, n.1, 1993.

\_\_\_\_\_. “Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico”. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*. São Paulo. v. 2, p. 9-42, jan.- dez. 1994.

\_\_\_\_\_. “Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n.18, 1997.

RODRIGUES, Jobana Moya. *Projeto de História Oral do Museu da Imigração: Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo*. [fev. 2016]. Entrevistador: Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

SARMIENTO, Sônia Maribel. *Projeto de História Oral do Museu da Imigração: Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo*. [ago. 2015]. Entrevistador: Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

SOTO, Andrea Veronica Carabantes. *Projeto de História Oral do Museu da Imigração: Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo*. [jul. 2015]. Entrevistador: Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

TORREZ, Patrícia Ruth Prudencio. *Projeto de História Oral do Museu da Imigração: Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo*. [dez. 2015]. Entrevistador: Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

VAINFAS, Ronaldo. "História da vida privada. Dilemas, paradigmas, escala". *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Sér., v.4, p.9-27, jan.-dez.1996.

\_\_\_\_\_. "História das mentalidades e História cultural", In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997:127-162.

YUJRA, Verônica Quispe. *Projeto de História Oral do Museu da Imigração: Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo*. [fev. 2016]. Entrevistador: Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

## RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar o Projeto de História Oral do Museu da Imigração intitulado "Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo", que teve início em julho de 2015. Desde então já foram realizadas entrevistas com oito mulheres migrantes, todas residentes na cidade de São Paulo, de diferentes idades, origens (até o momento entrevistamos mulheres de países da América do Sul, como Bolívia, Chile e Peru), e com trabalhos e projetos em diversas áreas de atuação. O projeto foi elaborado a partir da observação de uma crescente mobilização e conquista de espaços, especialmente nos últimos anos, por parte das mulheres migrantes na cidade de São Paulo. A proposta é refletir sobre o processo migratório e a experiência da mobilidade da perspectiva feminina e de gênero.

**Palavras-chave:** História Oral, mulheres migrantes, São Paulo-Brasil.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to present the Oral History Project developed by Museu da Imigração entitled "Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo" [Women in movement: migration and women's mobilization in the state of São Paulo], which began in July 2015. Since then have been accomplished interviews with eight women migrants, all residents in the city of São Paulo, of different ages, backgrounds (so far, women from countries in South America, such as Bolivia, Chile and Peru), with works and projects in various areas. The project was developed from an observation of a growing mobilization and conquest of space by these women, especially in recent years, in the city of São Paulo. The proposal is to reflect on the migration process and the mobility experience in a women's and gender perspective.

**Key words:** Oral History, migrant women, Sao Paulo-Brazil